

A REVISTA.

FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

SUBSCREVE-SE A 28500 RS. POR TRÍMESTRE (13 NÚMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVISA A 200 RS. NESTA TYPOGRAPHIA.

MARANHÃO TYPOGRAPHIA IMPARCIAL MARANHENSE, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FORMOSA CAZA N.º 4. EM 1843.

RIO DE JANEIRO.

A agitação do Senado!!!

Já noticiamos ao leitor o que se passou na sessão de 4 do corrente na câmara dos Srs. Senadores, onde o Sr. Holland pronunciou um dos mais violentos discursos do que há exemplo em nosso parlamento! Grande fúria a impressão produzida no paiz por esse discurso do nobre senador por Pernambuco, muito qualificaram os principios de agitação que de novo proclamou, da tribuna do senado, o Sr. Holland para salvar o estado, se lhe não acusasse em prompto o nobre ministro da justiça o Sr. Honório Herneto Carneiro Leão, que rebatou uma por uma todas as proposições exageradas do *philanthropo* Sr. Holland. Algumas poucas tem considerado, por niniamente forte e vidente, o discurso do Sr. Ministro da Justiça. A "Sentinella" aplaudiu também, na prática, os principios da verdadeira independência; mas todavia, como repelir proposições que tanto offendem a segurança e ordem publica, sem sair um pouco dessa linha de conduta prescrita aos ministros da coroa!!!... Ainda assim achamos digno da atenção do leitor o admirável improviso do nobre senador por Minas Geraes, o Sr. Honório, e por isso o admittimos em nossas colunas: cil-o-

"Sr. Presidente! O que está em discussão não é o requerimento, isto as negociações feitas pelo nobre senador a todos os governos de que ele não tem feito parte; e não só mesmo se, pela generalidade com que falou, comprehendeu aquelles de que tem feito parte. São em fin tantas causas diversas, acumuladas em grande ordem, que difícil seria encarregar n'elas um todo susceptível de ser combatido, um propósito que se pudesse de algum modo destruir por alguma argumentação rasoável e ordenada. Entretanto, para não deixar sem resposta proposições de ordem d'aquelas que o nobre senador emitiu, que me parecem dignas de ser contestadas no senado, onde tais principios talvez não apareçam muito propriamente, apinharei essas proposições aqui e acolá, no plácido do seu discurso, para, combatendo-as, restabelecer a verdade e fazer apreciar as doutrinas do nobre senador.

Todo esse amontoado de acusações feitas pelo nobre senador veio á discussão porque, no primeiro discurso que fiz, tive occasião de notar que, partindo elle de principios diversos, que, considerando elle os movimentos da S. Paulo e de Minas como generosos, e seus autores como patriotas...

O Sr. H. Cavalcante:—Não disse tal

O Sr. Ministro da Justiça:—É isto o que se deduz de todo o seu discurso, ou então não tem significação alguma todas as suas palavras (*Apalhados*).

Prosigui: estando o nobre senador em principios contrários aos em que nós estamos, não era de admirar que elle julgasse as causas de diverso modo do que nós julgavamos; entretanto elle tem também hoje procurado, por uma confusão, declarar-nos que elle reconhece crime nas rebeliões de S. Paulo e Minas, mas crimes justificáveis. ora, se é esta a descoverta finta pelo nobre senador, não altera ella de modo algum a imputação que se lhe faz por ter dito que as ditas rebeliões eram actos de patriotismo. Crimes justificáveis não são crimes (*apalhados*), e é mesmo d'essa asserção que eu o arguo...

O Sr. H. Cavalcante:—Não, não!

O Sr. Ministro da Justiça:—Os actos praticados pelos rebeldes de S. Paulo e Minas são atentados contra a ordem publica, atentados que nenhum principio ou razão pôde justificar, e que nenhum outro no corpo legislativo, a não ser o nobre senador, oualaria justificar pelo modo que fiz (*muitos apalhados*)....

O Sr. H. Cavalcante:—Muita consideração me dá, com efeito!

O Sr. Ministro da Justiça:—Porem, Srs., assim devia sér, porque, se o nobre senador deixasse de justificar estas ultimas rebeliões, talvez fosse preciso renegar o passado de seus aliados e o seu proprio....

O Sr. H. Cavalcante:—Nada tenho que renegar.

O Sr. Ministro da Justiça:—Ainda quando não fosse o seu proprio, era-me licito dizer assim pois que o nobre senador me acusou de fazer responsável por um parcer da câmara dos deputados, só pelo motivo de serem esses deputados pessoas de quem devo esperar apoio.

Digo eu que era preciso que o nobre senador renegasse o seu passado e o dos aliados que tem, para deixar de declarar bons, honestos e patriotas os rebeldes de S. Paulo e Minas, e perverso e criminoso o governo que os soube combater, que reprimiu o seu intento. O que temos visto desde 1841, época em que começaram a sér frequentes as rebeliões e sedições no imperio! com que medidas, com que remedios tem o nobre senador e seus aliados, sempre que se acham fora do poder, tratado de curar os males dos frequentes movimentos revolucionários? qual a paciencia do nobre senador e seus aliados, qual a sua tactica constante? Lembramo-nos da rebelião do Pará, em que apareceram homens feras, matando, roubando e desfigurando viagens!... Nessa mesma occasião, quando se deploraram

todos estes atentados, o nobre senador não achou remedio para elles, não julgou que o governo do paiz precisasse de alguma medida ou força para reprimir tales ferias; elle então não fazia senão acusar o governo e declarar que o governo era autor de todos esses males. Esta é a tática do partido a que ora pertence o nobre senador; esta tem sido a sua constante linguagem, ha 10 ou 12 annos, no parlamento....

O Sr. H. Cavalcante:—16 annos.

O Sr. Ministro da Justiça:—Ha uma revolta na Bahia, queimam-se casas, assassinam-se, rouba-se! onde tém os nobres senadores uma expressão de justiça para as victimas de tal rebello? onde se lhes ouve uma só palavra que julgue dignos de repressão e punição aqueles que attentaram contra a ordem publica, aqueles que roubaram, que assassinaram e incendiaram casas? Não, elles e seus aliados não enxergam em tudo isto senão desordens e atentados do governo do paiz; é o governo quem para elles teve culpa d'essa revolta; e a repressão d'ella excita, contra os bravos que a venceram, a animosidade d'esses Srs., que ousam appellidar ao presidente da província—tigre—, e taxar de violentos todos os actos-legaes, praticados contra estes estimaveis rebeldes.

Mas, Sr. Presidente, para que multiplicar os exemplos? para que falar de outras rebeliões e sedições? Basta dizer que não tem havido uma só sedição ou rebelião no paiz, da qual a causa, a culpa, no entender do nobre senador e de seus aliados, não esteja da parte do governo....

O Sr. H. Cavalcante:—Sim, sim, do governo.

O Sr. Ministro da Justiça:—Pelo que toca aos homens que fizeram as rebeliões e sedições, que commeteram todos esses atentados que tém ensanguentado e horrificado o paiz, esses são pobres que, fritigados das violencias do governo, provocados por elle, em defesa da constituição violada, rompem e tém mesmo de tal modo praticado actos de patriotismo....

O Sr. H. Cavalcante:—Não, isso não.

O Sr. Ministro da Justiça:—Esses mesmos aliados apresentaram sempre todos os rebeldes como victimas do governo, que os provocava para os punir; tiveram a triste gloria de procurar desvanecer e attenuar no corpo legislativo todas as circunstancias que faziam horrorosos os crimes praticados pelos rebeldes; e em contrario sua animosidade era decidida contra os legalistas, contra os que, em defesa da ordem, combatiam para reprimir tales rebeliões. O governo do paiz foi não poucas vezes estigmatizado, acusado, exprebroado pelos actos de repressão os mais conformes com a lei! Tales foram con-

tamente as suas doutrinas e de seus aliados....

O Sr. H. Cavalcante:—Quem são esses aliados? disse-mo.

O Sr. Ministro da Justiça:—Não sei...

O Sr. H. Cavalcante:—Não sei!!!...

O Sr. Ministro da Justiça:—São aquelas com que o nobre senador tem estado ligado. O nobre senador perguntou-me quem são seus aliados? Pergunte a si, que melhor saberá responder...

O Sr. H. Cavalcante:—Eu tenho meus princípios, e ainda não os modifiquei.

O Sr. Ministro da Justiça:—Pôde ser...

O Sr. H. Cavalcante:—Não sei se o nobre senador já quis ser meu aliado.

O Sr. Ministro da Justiça:—Não duvido; mas então o nobre senador renegou os princípios que professava nesse tempo...

O Sr. H. Cavalcante:—Não, conservo os mesmos.

O Sr. Ministro da Justiça:—Com os que tem actualmente não era possíveliliar-me: é verdade que o nobre senador, no mesmo tempo que cortejava um princípio, cortejava outro....

O Sr. H. Cavalcante:—Eu nunca cortei ningnem.

O Sr. Ministro da Justiça:—Rennin na urna eleitoral para regente votos de ambos esses princípios; malograda a sua pretensão, teve com tudo de patentejar-se no corpo legislativo como deputado, e depois como senador, e então manifestou claramente não querer ter a confiança dos homens de ordem, d'aqueles a cujos princípios me gloria de haver sempre pertencido.

Dous candidatos aspiraram, em 1835, à regencia; devia suportar-se que um tinha princípios opostos aos do outro; porque na verdade não sei porque razão se iria criar um novo candidato, a sérs dos mesmos princípios; salvo se não se tivesse em vista sentir favorecer a ambição pessoal desse individuo; creio que ninguém pretendeu em tal circunstância favorecer ambícias pessoais; julgaram-se os dous candidatos como tendo princípios inteiramente opostos e antípodas, mas com o andar do tempo viram, os que apoiaram a candidatura do nobre senador, que elle estava em comunidade de princípios e opiniões com o candidato oposto, e isto os devia persuadir que se tinham illudido, que tinham errado; mas em fim o erro é partilha da humanidade....

O Sr. H. Cavalcante:—Pode ser que o nobre senador fosse um dos que erraram.

O Sr. Ministro da Justiça:—Talvez....

O Sr. H. Cavalcante:—Pois confessou seu erro; mas nunca o illudi.

O Sr. Ministro da Justiça:—Não sei; ha duas espécies de ilusões, ilusão positiva e ilusão negativa; pôde ser que não houvesse a positiva, mas sim a negativa....

O Sr. H. Cavalcante:—Nunca ocultei os meus princípios.

O Sr. Ministro da Justiça:—Mas, Sr. Presidente, a tática que desgraçadamente têm seguido algumas pessoas, que têm julgado dever fazer oposição ao governo em todas as ocasiões em que tem havido rebelião, tem sido a mesma. No corpo legislativo e na imprensa têm elles constantemente procurado, não reconduzindo as causas á sua ordem, não tratar de

pôr a sociedade no estado normal; mas de obscurecer e occultar o crime de todos os que se revoltam contra o governo, que atacam a sociedade, a ordem e a paz publica. Em tais ocasiões accusam, ameaçam ao governo, em vez de defender os rebeldes, os criminosos.... porque eu não digo que mesmo o crime mais atroz não seja suscetível de defensa. Eu desejo ser razoável e justo, e julgo que não devo confundir o advogado que, tendo adovgado uma causa, não sabe justificar o crime que é injustificável, que não sabe enfim recorrer a meios de defensa que, sem atentar contra a ordem publica, possam ser favoráveis áquelles a quem elle defende. Não é esta especie de defesa que eu noto que se segue: em todas as ocasiões procurem-se obscurecer a existencia do crime, pondo-o, não r'aqueles que tentavam contra a ordem publica, mas atribuindo os crimes e as violências áquelles que, collocados no poder, achavam-se na obrigação mais immedia de reprimir essas sedições e rebelhiões; digo na obrigação mais immedia, porque obrigação tem todos os cidadãos de contribuir para a manutenção e restabelecimento da ordem (*apoiaos*).

Os crimes, os attentados á constituição, vinham do governo, e não d'aqueles que lançaram mão das armas e de todos esses meus horrores que foram usados em todas as rebeliões e sedições que vieram lograr no paiz durante o largo espaço da minoridade do Senhor D. Pedro II!....

Vejamos o que tem apparecido na epoca actual. Depois da rebelião do Minas e de S. Paulo, o nobre senador, não sei se porque esses princípios são também seus, ou se por força de aliança, vê-se na necessidade de os adoptar quasi inteiramente; é esta sua norma de julgar, e d'ahi vem quo o nobre senador clama comosoco que se devem punir os criminosos, que a sociedade não lucra com a impunidade, mas quaes são os criminosos, segundo a opinião do nobre senador? são os que em Minas e em S. Paulo pegaram em armas contra a ordem publica! Não (*com energia*); são os ministros do estado, que mandaram forças para conter esses desordeiros; são as autoridades, que prestaram obediencia ao governo; não o mesmo conceito de estado, que o nobre senador suspeita que tivesse sido ouvido por occasião de alguma medida tomada pelo governo. Eisqui quem são os criminosos do nobre senador! Contra estes elle chama toda a severidade das leis, quer a punição mais rigorosa: porem contra aquelles que calcuram nos pés todos os princípios de ordem, não haja nenhuma punição! (*Muitos apoiaos*.)

Diz o nobre senador que, se elles commetteram crimes, são justificáveis; quer dizer—que têm apparencias de crime, mas não são crimes.—Esses individuos, animados, segundo o nobre senador, de sentimentos nobres e patrióticos, fizeram essas rebeliões; e porque as fizeram? Porque tiveram a habilidade de seduzir a meia duzia de camaras, porque tiveram a habilidade de ilanquer a boa fé da assemblea provincial de S. Paulo, e conseguiram que essas camaras e a assemblea provincial representassem contra leis regularmente feitas e sancionadas pelo poder competente; pretendendo que essas leis não fossem executadas, pretendendo...

dendo... não sei o que pretendiam... apoderar-se do poder (*apoiaos*). E para que?.... Não ha atentado algum que se possa imaginar, ainda por mais atroz que seja, que elles não fossem capazes de pôr em prática, se desgraçadamente conseguissem o que queriam (*muitos apoiaos*).

Mas, com effito, o governo do estado procedeu muito irregularmente; o governo do estado tornou-se criminoso: porque, senhores? Porque, recebendo essas representações de meia duzia de camaras, porque, tendo notícia de que estava aqui uma deputação para entregar-lhe uma representação á assemblea provincial de S. Paulo, não disse: Venham os virtuosos e patrióticos senhores que promovem estas representações ser ministros, e retiremo-nos nós do poder, e sejamos condemnados desde já como indignos de ser ministros! — E na verdade seriam se não tivessem repelido tais representações (*muitos apoiaos*), promovidas por um partidinho muito pequeno, porém muito cioso, muito anotinador, de principios exagerados, e capaz de todos os attentados para poder triumphar; como esses ministros resistiram, fizaram o seu dever, eu os louvo, e o nobre senador os censura; não os censura simplesmente, julga-os dignos de mais severo castigo que se pode encontrar em nossas leis: creio que o nobre senador ainda procura castigo nas nossas leis.

O Sr. H. Cavalcante:—Onde quiser, no seu dicionario.

O Sr. Ministro da Justiça:—Esses ministros tinham feito passar leis excepcionais!—(*Elevando a voz dirigindo-se ao Sr. Holland*.) E demasiada presumção, Sr. Senador! As maiorias das camaras decidiram o contrario; e vós não podeis declarar contra leis do paiz, quando elas se acham em vigor; vós podeis propor a sua revogação, e sustentando vossa proposta, argumentar contra elas; mas, quando não fazéis isto, vós, que vos inculcais amigo da ordem, declarando contra essas leis, procedeis como procederia um turbulent, um desordeiro, um anarchista!... Essas leis foram julgadas pela assemblea geral, que as aprovou, achando-as conformes com a constituição; vossa opinião oposta não foi entendida; mas vós, que sois contraste da constituição, que sois infallivel, continuais a declarar contra elas! São essas declamações, antes e depois das rebeliões, que tendem a desmoralizar as leis (*muitos apoiaos*), quer tendem a favorecer todos aquelles que se revoltaram contra elas, aquelles cujos princípios vós defendeis! Entretanto, vós presumis que são criminosos aquelles que sustentam a inviolabilidade dessas leis! Enquanto saõ leis do estado, sustentaram e defendoram o governo que se manteve no seu posto e fez executar essas, defendendo as atribuições do poder legislativo que as decretou (*muitos apoiaos*).

Senhores, disse eu que era um partidinho: em prova d'isto attenda-se ao numero de representações que da província de Minas Geraes vieram em sentido contrario aos princípios emitidos por algumas camaras, onde desgraçadamente essas influencias perniciosas puderam penetrar (*muitos apoiaos*), veja-se o numero dos que, illudidos pelos agentes da revolta, prestaram suas assinaturas es representações promovidas por tais agentes; mas, desde que souberam da seu

fins, desdissaram-se, reclamaram suas assinaturas, arrancadas com seduções e enganos.

Além do attentado do governo, de não ter attendido ás representações d'esse partidinho, pequeno em numero, mas vilento e agitador, devemos também contar, segundo a phraseologia do nobre senador, a origem da emissão do papel moeda! Mas, senhor, demorastes-vos pouco tempo no poder, por isso não vos bringastes bem n'essa origem; vós houveis de emitir papel moeda, se não vos tivesses retirado do poder, como por fortuna do paiz vos retornastes: assim mesmo fizestes emissão; porque, quando em virtude de leis se devia amortizar certa somma de papel moeda, cuja amortização não se fez por vossa ordem, essa somma continuava na circulação, e isto equivalia a uma emissão nova (*muitos apoiados*). De certo que, se as vossas desordens, se a anarchia que tendes criado em toda a parte não impedisse a arrecadação das rendas; se rebollões e sedições não apparecessem; se em fin, esse espírito de anarchia geral não introduzisse a corrupção em todos os funcionários publicos; se, atacando as leis, não introduzisseis a desmoralização em tudo, certo, senhor, nenhum dos governos do paiz se veria na necessidade de lançar mão d'esse meio desgraçado, porém indispensável em certas circunstâncias, para se poder manter a ordem, para podermos ainda dizer que temos uma monarchia na America (*muitos apoiados*).

E a este respeito digo-vos, como dissesse, que reparo e atento que a monarchia está na America; e porque refleti n'isso, mais condeno todas as vossas declamações (*muitos apoiados*), que tendem sem dúvida a enfraquecer essa monarchia; (*com muita energia*) porém que de certo não conseguireis!... (*Apoia-dos geraes*.)

Sim, vós vistes que estes mesmos a que chamastes bonemeritos da patria, por pegar em armas contra a ordem publica, se viram na necessidade de proclamar adhesão a essa monarchia; e por que? Porque todos os homens têm necessidade de procurar elementos de força com que se possam sustentar, e o elemento de força é a monarchia (*numerosos apoiados*); vossos aliados, por tanto, ou vossos protegidos, agarraram-se a ella; mas ella não os pôde favorecer, porque as dimanações que d'elles viriam, tenderiam sem dúvida a dessecar a seve, e a fazer murchar essa arvore, que eu espero que será frondosa na America! (*Apoia-dos geraes*.)

E assim, senhor, é por este motivo que se não multiplicaram os gritos contra o monarca; é por essa necessidade em que se acharam collocados os vossos aliados; mas, se os gritos contra o monarca não appareceram, vós não sois exato quando dizeis que não houveram gritos contra o sistema jurado. Sim, apareceram; vossos aliados renegaram o sistema jurado, atacando as leis, e negando ao poder moderador o direito de dissolver a camara dos deputados, previa ou não previamente (*apoia-dos*). Eu sustento que não foi previamente, porque a camara se declarou constituida; mas, previa ou não previamente, o poder moderador tem autoridade de dissolver a camara dos deputados,

Digo eu, pois, que os vossos aliados queriam obrigar o monarca, com esses movimentos de força, lançando mão das armas, com essas gritarias, declamações e desordens, com esses ataques aos cidadãos pacíficos, com essas destruições e incêndios de pontes; queriam obrigar o monarca a chamar um ministerio em que elle não podia ter confiança; queriam obrigar o monarca a suspender as leis feitas pela assemblea geral; assim vossos aliados tinham renegado o sistema jurado (*apoia-dos*). Se não ousaram levantar gritos contra o monarca, isto não justifica os seus princípios, porque fui filho da necessidade em que se achavam.

Mas, senhor, (*dirigindo-se ao Sr. Hollanda*) sempre direi uma palavra sobre a tal camara dissolvida, sobre o vosso procedimento. Eu não queria desviar a discussão para o ponto em questão, chamando-vos á barra para defender-vos; esta é uma tática que eu condono, é talvez a de vós executais quando tratamos do processo de S. Paulo; não defendes os acusados como defenderia um advogado, segundo os meios que a lei dão; esta vossa tática, que eu condono talvez por não seguir-a, é que não vos tenho até hoje censurado a respeito d'essa camara que vós preconisais, como tendo as altas capacidades do paiz, como composta de moços de grandes esperanças e de velhos patriotas...

O Sr. H. Cavalcante:—Encanecidos no serviço do paiz.

O Sr. Ministro da Justiça:—Encanecidos no serviço do paiz,—eu não duvido, senhor. A meu ver tinha essa camara, felizmente para o paiz, mai dígnos servidores do estado; tinha sem dúvida homens que tinham encanecido no serviço do paiz; mas tinha alguns que encaneceram nos deserviços do paiz e nas desordens que promoveram; e tinha alguns espíritos agitadores, que, conduzidos pelos vossos aliados, deveriam fazer grandes males, se a disciplina e alta sabedoria do poder moderador não tivesse livrado o paiz das calamidades que lhe preparavam.

Mas a essa camara é que o nobre senador chamou regular e feita como as outras; estará o nobre senador esquecido de tudo quanto se disse e provou-se a respeito d'essas eleições?... (*Apoia-dos*). Se o nobre senador dissesse que as eleições pelas quais a camara actual se acha reunida, foram as que se tem feito mais regularmente no paiz, depois do anno de 1824, dizia uma verdade (*Apoia-dos*); dizia o que o futuro terá como evidente; mas, se o nobre senador declara que as eleições de 1840 tiveram a mesma regularidade, isso não é exacto. Eu não duvido que em um ou outro ponto houvesse regularidade; por isso que onde os princípios anarchicos prevaleciam, não havia necessidade de empregar violências para vencer a todo o custo; mas onde esses princípios não prevaleciam, foi necessário conquistar as urnas por todos os meios, apresentando os seus aliados em atitude de combate, praticando violências atrozes e cometendo imensas irregularidades para alcançar o triunfo eleitoral. O nobre senador inculpa-me porque a camara dos deputados dá um parecer; e não poderei eu inculpar o nobre senador quando sei que os aspirantes de 12 e 16 anos, que estavam a

bordo da nau, mandaram suas listas à freguesia de Sancta Rita, quando sei que toda a marujá votou, ainda mesmo aquela que não estava cá no tempo da Septuagesima?...

O Sr. H. Cavalcante:—Se houve isso, foi mandado por quem?...

O Sr. Ministro da Justiça:—O nobre senador provavelmente não deu uma ordem por escrito; mas presenciou todos esses factos sem nada fazer....

O Sr. H. Cavalcante:—É falso....

O Sr. Ministro da Justiça:—Não é falso, é verdadeiro....

O Sr. H. Cavalcante:—É falso....

O Sr. Ministro da Justiça:—Eu sei que vós adheristeis; foi uma autoridade à nau, e recebeu as listas dos estudantes da academia de marinha para as levar á freguesia....

O Sr. H. Cavalcante:—Nenhuma autoridade o determinou.

O Sr. Ministro da Justiça (com força):—É verdade o que digo!... A mesa de Sancta Rita não receberia as listas, se fosse constituída regularmente; mas o vosso collega ministro do império teve a cautela de talhar a mesa de modo que a recepção d'essas listas da marujá, &c., fosse segura....

O Sr. H. Cavalcante:—Talvez vos reguleis pelo vosso comportamento.

O Sr. Ministro da Justiça (com energia):—Não! não me regulei; vós sabeis que em 1833 eu não tolerei esses abusos; eu sofri todas as injúrias e ataques, não do partido da oposição, mas d'aquelle que apoiava o governo, e que queria que eu o ajudasse nos meios violentos. Eu estimava muito ser apoiado e derrotar o partido da oposição, que, no meu entender, fazia uma guerra injusta á administração da regencia; mas eu não julgava permitido lançar mão d'esses meios, d'essas fraudes, d'essas violências de que vós lanasteis mão para triumphar....

O Sr. H. Cavalcante:—É falso!...

O Sr. Ministro da Justiça (elevando a voz):—Não é falso, o publico julgará!...

O Sr. H. Cavalcante:—Sim, ele julgará. Da minha parte posso dizer que é falso!

O Sr. Ministro da Justiça:—É verdade!....

O Sr. H. Cavalcante:—Proval o que estais dizendo.

O Sr. Ministro da Justiça:—Talvez o nobre senador se fizesse ignorante das violências que se praticavam: é o que eu não fiz; porque a mim se pediu que eu não obrasse, contentavam-se que eu consentisse e calasse; mas eu mandei prender os permanentes que tinham obrado contra a minha ordem por insinuações estranhas ao governo; porém o nobre senador metteu-se em casa, faz-se ignorante do que ocorreu, não sabe de nada. A diferença que ha entre nós é esta!....

O Sr. Visconde de Abrantes:—Pequena diferença!

O Sr. Ministro da Justiça:—Sr. Presidente, todas estas causas levam-nos muito longe, distrahem-nos de tudo quanto interessa ao publico: de tantos males que se tem acumulado sobre o estado, exige a nossa prudencia e circunspecto que se faça um exame dos meios ou dos medios para curar tanta maledicência. Eu portanto abandono este terreno: se querem ouvir os acusados, façam o isso, por se-

são procedermos com toda a prudência. Nós não decidimos ainda o processo; roparei bem, senhor; (*dirigindo-se ao Sr. Hollanda*) queremos ouvir os acusados, mandando imprimir suas respostas e o processo, para depois decidir se elle deve ou não continuar; e tudo isto nada importa contra os acusados, é pelo contrário em seu favor.—Mal dos acusados se não achaem nenhum meio de defensa para, em suas respostas, nos convencerem de sua inocência! porque o nobre senador sabe muito bem que todas as vezes que a sociedade está neste estado de agitação, esta agitação propaga-se por toda a parte, e tem mais ou menos influencia em todos os actos políticos.

Ouvir por tanto os senadores não é decidir contra elles; mandar imprimir suas respostas e o processo não pôde servir a justificar o desejo de conhecer a verdade; e em que diverge o nobre senador? porque quer que a impressão se faça já, e para que?...—Dizis que devem ser ouvidos os acusados, e que o processo seja impresso; —é o mesmo que nós dizemos e queremos, com a única diferença que nós queremos ouvir primeiramente os acusados; e porque se não há de imprimir também suas respostas?...

Em fin, não pôde haver outra razão, à vista das decisões que existem, sendo o desejo do nobre senador estar em oposição, à vista da necessidade que tem de estar em uma estrada diversa d' aquela em que caminhamos. Os seus adversários por ventura querem a condenação dos acusados!... Depois de ouvir os acusados, impressas as respostas e os processos com todos esses elementos, é que nós desejamos que o senado decide se o processo deve ou não continuar. Vêde, pois, senhor, (*dirigindo-se ainda ao Sr. Hollanda*) que, estando vós quasi conformes connosco, só a necessidade de manterdes os vossos princípios, avessos inteiramente aos que professamos, é que faz gerar o vosso querimento, contra o qual eu me pronuncio."

N. B. Este discurso do nobre ministro (diz o tachigrafo do "Jornal do Commercio") foi ouvido com o maior interesse. S. Exc., pouco depois que acabou de falar, retira-se do salão, e é seguido por grande numero de Srs. Senadores que se dirigem a elle. Ficam no salão sete ou oito membros da casa.

(*Da Sentinelha da Monarchia.*)

MARANHÃO.

CORRESPONDENCIA

Sar. Redactor da Revista.

Quando vi o Sar. Antônio Pinto de Faria lançar mão da pena para discutir pontas científicas, que lhe são intimamente estranhas, pensando-me logo, que elle não esperava a parte mais positiva da scienzia. Foi justamente o que elle fez no n.º 178 do seu Periodico, onde devia a conhecer que he mais vanto de que eu cuidava, o círculo da ignorância em que elle gira. He causa lastimosa na verdade, ouvir hum Pharmaceutico dizer, que as águas minerais gazosas artificiais devem ser feitas com agua destilada! Certo que não esperava semelhante esforço do Sar. Antônio, por compaixão de quem, queria persuadir-me que fui mal acusado, ou então que o Cometa lhe deu volta ao céu, porque na Europa não ha um só arredor, ou lado de casas de hum laboratório Chimico, que ignore o que a agua destilada é, proprias para a preparação das predictas águas gazosas,

por quanto a destilação faz com que a agua deixe de ser potável. A vista dista, e outras que me gentilezas do meu silencioso parceiro, que pôde aventure que elle temia, o nem juntas árdua Pharmaceutico, por isso que nata scienzia he por extremo eudico.

Pelo que dia na era o Sar. Antônio, colijou que se deu ao trabalho de abrir o estéril Código Pharmaceutico Lusitano, ou que agarrasse á mesquinharia estatuta, a elle mesma a qual deixa muito que deixar sobre os dois aparelhos, que cito cheio de infâmias, como propostos para a fabricação das agudas gazosas artificiais. Se o Sar. Antônio não houvesse tido a audácia de dizer, que empregava a agua destilada para fazer as suas agudas gazosas artificiais, certo que me não furtaria ao trabalho de lhe demonstrar porque razão forçoso abundantes os apontamentos de elle se serve, mas depois da paróquia que voltou, tornando-me por desconfiado.

Em fin se o Sar. Antônio prestava na sua opinião lo que pôde preparar as suas gazosas, he necessário a agua destilada, porque que tinha a bondade de provar no mundo intiero, em que lugar o seu modo de pensar, deve desollar todas as agudas minerais gazosas naturais, que se encontraem em alguma parte do globo; e bem assim as calas especias d'algum mineral tem o seu alambique particular, ou se é exento no geral: livro dos Jecos, que tanta na agua baixa de passar por hum só d. &c. &c.

No caso se lhe deviam responder as sobreditas perturbadoras, Sar. Antônio, logo responder que seja mesmo bonito lo que fôr na sua ciência certa—quanto dizer que não saiu de huma questão para outra, a fim de que não venha a faltar o mestreza, sofisticações &c. &c. passo que trazemos da chama. Mas como não houle ser assim se o Sar. Antônio he mais predominado pela glotoneria, do que pela scienzia, se li mais isto, e exposto em derradeira huma lista de varinhas do que comprehendem a nomenclatura mais trivial! Disto elle nos dará novas provas, se acontecer que ainda faça gestos esgrimes!

Tendo paciencia, Leitores, que eu vos prometto que este he a ultima vez que vos roubo o preceiso tempo.

Foi meu maior fim noturno de passagem, a redonda que lo que deu o Sar. Antônio, querendo votar alto (para manear o montante no resto e extrair o campo da chama.) E quale os desprendem o insconderável. Ocorrem da ignorância, no qual se deixou entregar ás suas forças musculares, &c.

Tinha a honra de ser, Sar. Redactor.

De Vinc.

Maranhão 23 de Abril de 1843.

L. Battenstein.

A REVISTA.

Breve resposta ao "Correio."

Bem compenetrado da necessidade do—Parce Sepultis,—, não desejarmos por modo nenhum tocar em homem morto, mas o "Correio" a isso nos impelle, dizendo com a sua costumeada impudencia que *caluniamos o senr. doutor Francisco Correia Leal nos ultimos dias de sua existencia, não respeitando sua modestia*. Vendo-nos pois obrigado a fuzel-e em defesa propia, procuraremos não transceder os limites do respeito que se deve ás cinzas dos mortos, limitando-nos tão somente neste artigo a demonstrar a injustiça da arguição do contemporaneo.

Nunca caluniamos o Senr. Leal. Analisem-lo em termos commedidos e decentes o seu julgamento entre partes a meia da Santa Caza da Mizericordia e o Sar. Poco, e comparando duas decisões que dera em caso idêntico inteiramente opostas, mostramos com evidencia que aquelle magistrado desrespeitara a lei vigente para fundar-se n'uma ordem illegal, e cabria em flagrantí contradicção. Ningnem dirá que ha nisto calunia, mas consira raspar e justa aos actos de sua vida publica. E desafiamo o contemporaneo a provar a sua proposição, appellamos para o juizo do publico entendedor que certamente nos fará justiça.

Também não fomos nós que deixamos

de respeitar a molestia daquelle Sar., mas os seus proprios amigos politicos que o impelião a dar-se por prompto para decidir a questão das eleições da Mizericordia, achando-se gravemente enfermo, como é notorio. Forão esses quo o levantáram do leito de dores em quo jazia, para leval-o a Santa Caza, quando ja lhe devia ser funesto qualquer abalo, como provou o facto da seu consecutivo dcesso; furio essa quo á força sem duvida de solicitações importunas lhe arrancáram ja moribundo una decisão contraria a que deu o juiz seu substituto validando aquellas eleições; fôrão esses egoistas e falsos amigos que não só não respeitaram, mas lhe *aggravaram a molestia, e apressaram a morte;* que não só que analisámos actos pelos quaes elle era responsável perante os homens, e isto quando, dando-se por prompto, exercia as suas funções de juiz, como se estivesse bom, iludiendo-se a si e a nós sobre o seu verdadeiro estado.

Aqueles pois que se dizão uns amigos, e rebordo da critica situação em que elle se achava, e decovocava a dar este passo superior as suas forças, é que são dobradamente reprehensíveis os olhos da sociedade, e por haverem abusado das condescendências da amizade, e por haverem agraviado a enfermidade e atribulado os últimos momentos do enfermo e da mortifaria. E honesta fera que fôdo sacrificou á sua ambição até a fundo e existencia dos proprios amigos, é que ontem columnaram, e clamaram vil ao rededor da Revista que nunca cometeu baixezas, e menos como essa quo elles praticaram todos os dias para servir as suas idéas favoritas—o poder e a fortuna! Calai-vos, hypocritas, que já suis por demais conhecidos para que alguém credite em vosas palavras! Envergonhai-vos, sycophants, e metei a nobreza na consciencia que ella vez dirá seu devido que só respondeu á desolação viva por mais alguns dias de vida do espaco que lhe resta de ser rotulado, e que poderia talvez existir ainda, se não for a voza humana onusada.

Damos parón de mão a esta desagradável discussão a que nos chamou o "Correio", e terminamos este pequeno artigo desejando quo a terra seja leve se Sar. Leal.

AVISOS.

Cidadãos Guardas Nacionais. Constando-me que o comandante superior da G. N. contra quem temos representado no Governo Imperial, pretende exigir que vós assinéis uma declaração em que se refira quanto avançou na minha querela, toda documentada, e q'lo de mais a mais se pretenda linear-me n'esso criminoso papel, o epílogo de calunias! achai ser de meu dever prevenir-vos como fago que se vos quer amarrar, e pegos-vos que a ser isso certo, reflectis bem, e madamente, antes de prestaras a vossa assinatura. Manaus 24 de Abril de 1843.

José Antônio da Silva Guimarães,
Maior da 2.ª Legião.

A Meia da Santa Caza da Mizericordia. Participa a todos os Irmãos da mesma Santa Caza que o Doutor Juiz das Capellas julgon nullas as eleições feitas no dia 1.º de Março do corrente anno, pelo que convida a todos os Irmãos para que compareçam na Salla das Sessões no dia 30 de Abril pelas 10 horas da manhã para se proceder a nova eleição dos Mezarios e Disfundiadores que hão de servir, no anno de 1843 á 1844, e espera que todos os Irmãos compareçam para o dito fim.

José Coelho de Souza.

Secretario da Meia.

Quem quiser comprar Paus de prumo, barrotes, vigas grandes, vigetas, grades, pernas mancas, e caibros; tudo das melhores qualidades e dimensões falle com o Sar. Miguel Antonio da Costa e Castro, mortador na fonte das pedras, ou com Antonio Fernandes Ennes na rua do Giz, vendem por preços commodos apercebendo dinheiro.

Manaus: Typographia Imparial Maranhense, Impreso por M. P. Raneu, na Rua Formosa Caza, No. 4, em 1843.